

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Ciência Política

ciências, políticas, movimentos: lugares da natureza, do início da modernidade à atual pandemia

Jean Tible
jeantible@usp.br

Quartas-feiras, 19-23h
<https://edisciplinas.usp.br/course/view.php?id=79242>

Justificativa e objetivos

“O homem é o lobo do homem”. Esse antigo provérbio romano tornado célebre por Thomas Hobbes sintetiza uma poderosa narrativa sobre o *homem*, a *natureza* e a *política*. O filósofo elabora um relato extremamente influente de uma saída do estado de natureza – e sua guerra de todos contra todos – para a constituição de um estado civil. O medo hobbesiano essencial, da morte violenta (ele escreve num contexto de guerra civil), seria, assim, evitado. Os homens deixariam a violência fratricida pela celebração da concórdia, ao renunciarem à natural liberdade absoluta e pondo fim à “guerra perpétua de cada homem contra o seu vizinho” (1651).

O lobo mau. A natureza selvagem. Imagens recorrentes, figuras fortes que nos interpelam constantemente até hoje – ambos devem ser domesticados. *O homem é o lobo do homem*. A ausência do Estado indica o estado de natureza, a anarquia, a guerra, o caos, a desordem. De forma sintomática, esse estado de natureza subsistia, para Hobbes, em algumas áreas do planeta, onde vivem os “povos selvagens” presentes na América. São decisivos, aponta Carolyn Merchant (1980), os elos entre submissão da natureza e das mulheres no programa científico dito moderno, assim como dos povos considerados inferiores (inclusive os camponeses europeus).

Uma linhagem distinta do pensamento político desconhece o grande divisor que por muito tempo constituiu um certo consenso científico de uma natureza externa, passiva, mecânica. Isso sustentou a compreensão de que os “processos da Terra eram tão vastos e poderosos que nenhuma força poderia modificá-los. Que as cronologias humanas eram insignificantes comparadas ao vasto tempo geológico” (Danovski e Viveiros de Castro, 2014, p. 26). Mas conseguimos e nos tornamos, destruindo as florestas e queimando combustíveis fósseis, agentes geológicos. Fundamos o antropoceno, ou, de forma mais precisa, o modo de produção tornou-se agente geológico: emerge o capitaloceno. Esse predomínio do Homem sobre a Natureza põe em risco a vida humana e sua sobrevivência depende agora de ouvir os antes considerados não modernos cujos relatos sempre levaram em conta as atividades de todos os seres vivos, humanos e não humanos. Muitas das que estavam fora do estatuto de Homem impuseram sua presença, pelas lutas, passam a ser imprescindíveis e, agora, os “entrelaçamentos inter espécies que pareciam coisa de fábulas são agora material para debate sério entre biólogos e ecologistas, que mostram como a vida requer a interação de vários tipo de seres. Humanos não podem sobreviver pisoteando todos os outros” (Tsing, 2015, p. vii).

Esse curso propõe, assim, estudar os lugares da natureza no pensamento e movimentos políticos em três momentos. Primeiro, no contexto da revolução científica moderna em particular no espaço ocupado por mulheres, negros, camponeses, indígenas e outros sujeitos nessa elaboração. Em seguida, nos debates a cerca dos vínculos entre o sistema político-econômico capitalista e a biologia. Enfim, em certos movimentos políticos contemporâneos que ignoram a divisão entre

natureza e cultura, humano e não humano.

Avaliação

Trabalho de fim de curso, seminários/participação e textos curtos ao longo do semestre

Programa

19 de agosto

Apresentação do curso e conversa sobre a dinâmica do semestre

Svetlana Alesksiévich. *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*. São Paulo, Companhia das Letras, 2016. [Entrevista da autora consigo mesma sobre a história omitida e por que Tchernóbil desafia a nossa visão de mundo]

Manuela Carneiro da Cunha. “Povos da megadiversidade: o que mudou na política indigenista no último meio século”. *Revista Piauí*, n.148, Janeiro de 2019.

Rachael Carson. *Primavera silenciosa*. São Paulo, Editora Gaia, 2010 [1962]. [capítulos: uma fábula para o amanhã; a obrigação de suportar; elixires da morte].

Anna Lowenhaupt Tsing. “Margens indomáveis”. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 12, página 02-11, 2018 [2012].

Michael Löwy. “A revolução é o freio de emergência – atualidade político-ecológica de Walter Benjamin” (2016). Em: *A revolução é o freio de emergência: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo, Autonomia Literária, 2019.

Marcos dos Santos Tupã. *Monumento à resistência do povo guarani*, outubro de 2013.

Parte 1 ciências e naturezas

26 de agosto

a morte da natureza e a revolução científica (i)

Carolyn Merchant. *The death of nature: women, ecology, and the scientific revolution*. San Francisco, Harper & Row, 1990 [1980]. [primeira metade 1-6, sobretudo capítulos 4-6]

complementar:

Isabelle Stengers. Reativar o animismo. Caderno de Leituras n.62. Belo Horizonte, Chão da Feira, 2017 [2012].

Starhawk. “Magia, visão e ação”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 52-65, abr. 2018.

2 de setembro

a morte da natureza e a revolução científica (ii)

com Silvio Rhatto (pesquisador autônomo)

Carolyn Merchant. *The death of nature: women, ecology, and the scientific revolution*. San Francisco, Harper & Row, 1990 [1980]. [segunda metade 7-12, sobretudo capítulos 7-9]

complementar:

Thomas Hobbes. *Leviathan or The Matter, Forme and Power of a Common-Wealth Ecclesiasticall*

and Civil. Yale University Press, 2010 [1651]. [capítulo 13 Da condição natural da humanidade relativamente à sua felicidade e miséria]
Arne Naess. “Spinoza and ecology”. *Philosophia*, 7 (1), p. 45-54, 1977).

9 de setembro

O fim do mundo como o conhecemos (i)

com Nathalia Carneiro (DCP)

Denise Ferreira da Silva. *A dívida impagável*. São Paulo, Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019. [capítulos 1 e 2]

complementar:

Denise Ferreira da Silva. “Em estado bruto”. *ARS (São Paulo)*, 17(36), 45-56, 2019.

Donna Haraway. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu* No 5, 1995.

16 de setembro

O fim do mundo como o conhecemos (ii)

Denise Ferreira da Silva. *A dívida impagável*. São Paulo, Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019. [capítulos 3 e 4]

complementar:

Denise Ferreira da Silva. “The Scene of Nature”. Em: Justin Desautels-Stein e Christopher Tomlins (orgs.), *Searching for contemporary legal thought*. Cambridge University Press, 2017.

_____. “On heat”. *Canadianart*, outono de 2018.

Parte 2

biologia e luta de classes

30 de setembro

circuitos do capital, da ciência e das doenças

com Allan Rodrigo de Campos Silva (geógrafo e tradutor do livro de Rob Wallace)

Rob Wallace. *Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência*. São Paulo, Editora Elefante, 2020. [A virologia política da agricultura offshore (Parte 1); Um estranho algodão (Parte 5); Neoliberalizar as florestas do Oeste Africano produziu um novo nicho para o Ebola? (Parte 7); Agronegócio, poder e doenças infecciosas e Sistemas globalizados de produção de alimentos, desigualdade estrutural e covid-19 (Parte 8)].

complementar:

Claude Lévi-Strauss. “A lição de sabedoria das vacas loucas”. *Estudos Avançados*, 23(67), 2009, p. 211-216.

anônimo. “monólogo do vírus”. *lundimatin*, 2020.

7 de outubro

o contágio desde as fornalhas de Wuhan

Coletivo Chuang. *Contágio social: coronavírus e luta de classes microbiológica na China*. São Paulo, Veneta, 2020.

complementar:

Karl Marx. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo, Boitempo, 2004 [1844]. [primeiro manuscrito – trabalho alienado; terceiro manuscrito – propriedade privada e comunismo + crítica da filosofia dialética e geral de Hegel]

Jason Hribal. “Animals are Part of the Working Class Reviewed”. *Borderlands*, vol.11, n.2, 2012.

Indigenous Action. “Repensando o apocalipse: um manifesto anti-futurista indígena”. *Blog da GLAC edições*, 2020.

14 de outubro

natureza, gênero, sexualidade

com Bru Pereira (Unifesp)

Adelaide Maria de Estorvo Alencar da Silva. “O gênero e a onça”. *Cadernos de subjetividade* n.20, 2019.

Hija de Perra. “Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma”. *Revista Periódicus*, segunda edição, nov 2014-abr 2015.

Paul B. Preciado. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo, n-1 edições, 2015 [parte 1 – contrassexualidade; parte 3 teorias – breve genealogia do orgasmo ou o vibrador de Butler e a industrialização dos sexos ou *money makes sex*].

complementar:

Castiel Vitorino Brasileiro. “Ancestralidade sodomita, espiritualidade travesti.” *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 14, p. 40-47, 2020.

Oyèrónké Oyèwùmí. “Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas”. Tradução para uso didático de: OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies*. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

Ventura Profana. “Profecia de vida”. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 14, p. 54-63, 2020.

Monique Wittig. *La pensée straight*. [1978-1980]. Tradução em português disponível.

Parte 3

insurreição da natureza?

28 de outubro

cosmopolíticas

com Renato Sztutman (DA/FFLCH) e Stelio Marras (IEB)

Marisol de la Cadena. “Cosmopolítica indígena nos Andes: reflexões conceituais para além da 'política'”. *Maloca: Revista de Estudos Indígenas*, Campinas, SP, v. 2, p. 1-37, 2019 [2010].

_____. “Natureza incomum: histórias do antrope-cego”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 95-117, abr. 2018.

complementar:

Isabelle Stengers. “A proposição cosmopolítica”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 69, p. 442-464, abr. 2018

Zoe Todd. “An Indigenous Feminist’s Take On The Ontological Turn: ‘Ontology’ Is Just Another Word For Colonialism”. *Journal of Historical Sociology*, vol.29(1), março de 2016 [tradução em português disponível].

4 de novembro

retomadas

com Celia Tupinambá e Spensy Pimentel (UFSB)

Daniela Alarcon. *O retorno da terra: as retomadas na aldeia tupinambá da Serra do Padeiro, Sul da Bahia*. São Paulo, Elefante, 2019. [capítulo 4 – a construção da aldeia]

11 de novembro

políticas da terra

com Antonio Bispo dos Santos

Antonio Bispo dos Santos. “Somos da terra”. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

Nick Estes. *Our History Is the Future: Standing Rock Versus the Dakota Access Pipeline, and the Long Tradition of Indigenous Resistance*. Londres, Verso, 2019. [prologue: prophets].

Prise de terre(s), escrito por habitantes da ZAD de Notre-Dame-des-Landes, verão de 2019. [tradução em curso pela GLAC edições]

complementar:

Antonio Bispo dos Santos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília, UnB, 2015.

Roxanne Dunbar-Ortiz. “A sense of hope and the possibility of solidarity: colonialism, capitalism, and Native liberation” (interviewed by Ragina Johnson and Brian Ward). *International Socialist Review*, n.103, inverno 2016-2017.

18 de novembro

políticas xamânicas

Davi Kopenawa e Bruce Albert. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015 [2010]. [última parte “a queda do céu”, sobretudo os capítulos 19 e 21-24]

Estela Vera. “Se não tiver mais reza o mundo vai acabar”. Instituto Socioambiental (ISA), 2016.

complementar:

Emanuele Coccia. *A virada vegetal*. São Paulo, n-1 edições, 2018.